

# **REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS CULTURAIS EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BA, MEMÓRIA SOCIAL E ENSINO DE GEOGRAFIA**

## **REFLECTIONS ON CULTURAL PRACTICES, SOCIAL MEMORY AND GEOGRAPHY TEACHING IN VITÓRIA DA CONQUISTA-BA**

**Claudia Anastácio Coelho Cruz<sup>1</sup>**

**Geísa Flores Mendes<sup>2</sup>**

**Larissa Ferraz Nascimento<sup>3</sup>**

**Patrícia Godoia Garcia de Souza Teixeira<sup>4</sup>**

### **RESUMO**

Este artigo busca socializar algumas das atividades que fizeram parte do Projeto de Extensão intitulado: “Assessoria Permanente aos Professores de Geografia do Ensino Fundamental e Médio”, no ano de 2017, período no qual foram feitas reflexões sobre a importância da valorização da memória social na prática do professor de Geografia. A educação geográfica deve contribuir para a compreensão das práticas sociais relacionadas aos costumes e valores dos grupos sociais que transformam o espaço geográfico. A memória social é mobilizada e reconstruída na apropriação do espaço, e está vinculada às interações sociais, aos itinerários, as opções e lugares de consumo, as tradições culinárias e ao saber-fazer, resultante de construções sociais passadas que ganham vivacidade nas práticas do presente. Dentre as ações do Projeto de Extensão, foi realizado o VI Simpósio de Ensino e Aprendizagem de Geografia, no qual foram realizadas palestras, com a participação de membros de grupos de pesquisa que tratam da memória social e do espaço geográfico, sobre apropriação material e simbólica do espaço no ensino de Geografia.

**Palavras-chave:** Educação. Geografia. Memória Social. Extensão

### **ABSTRACT**

This article aims to share the activities promoted as part of the Extension Project entitled "Permanent Counsel to Elementary and Middle School Geography teachers" in 2017. The year of 2017 was a moment of reflection on the importance of the social memory in the practice of Geography teaching. Geographic education should contribute to the understanding of social practices related to customs and values of social groups that transform the geographic space. Social memory is mobilized and reconstructed in the appropriation of space and is linked to the social interactions, itineraries, options and places of consumption, culinary traditions, and know-how, resulting from past social constructions that obtain liveliness in the practices of the present.

---

<sup>1</sup>Doutora em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente Adjunto da UESB. Coord. de Projeto de Extensão financiado pela UESB em 2017. E-mail: claudiacruzster@gmail.com

<sup>2</sup>Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Docente Pleno da UESB. Coord, Núcleo de Análise em Memória Social e Espaço, CNPq/UESB. Membro da Comissão Organizadora de Evento vinculado à Projeto de Extensão da UESB em 2017. E-mail: geisauesb@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Discente do Curso Geografia. Bolsista de Extensão de Projeto financiado pela UESB em 2017. E-mail: larissaferraz2013@gmail.com

<sup>4</sup>Mestre em Geografia pela UESB. Membro de Comissão Organizadora de Evento vinculado à Projeto de Extensão da UESB em 2017. Tirocínio docente no Ensino Superior em 2017. E-mail: patriciagodoia@hotmail.com

Amongst the activities undertaken by the Extension Project, there was the VI Symposium on Teaching and Learning of Geography. In which lectures were hosted by members of research groups focused on social memory and geographical space, on the material and symbolic appropriation of the space in the teaching of Geography, and the knowledge in the fairs, and districts of the city and the teaching of Geography.

**Keywords:** Geography. Social Memory. Extension

## **INTRODUÇÃO**

As reflexões apresentadas neste artigo estão relacionadas à atividade extensionista financiada pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) no ano de 2017, por meio do Projeto de Assessoria Permanente aos Professores de Geografia do Ensino Fundamental e Médio. As ações desenvolvidas foram fundamentadas teoricamente e vinculadas às atividades de pesquisa e ensino. Essas atividades trataram da temática: memória social e práticas sociais, que repercutem na (re)produção do espaço geográfico. Tiveram como ponto culminante a realização do VI Simpósio de Ensino e Aprendizagem de Geografia, no *Campus* de Vitória da Conquista da UESB.

A ciência geográfica e a disciplina Geografia buscam contribuir para a compreensão da sociedade, por meio da (re)produção do espaço geográfico. Desvendar os processos sociais que repercutem no espaço implica em valorizar não somente a dimensão material da apropriação, na qual objetos, dinâmicas e processos presentes no espaço urbano e rural são transformados em instrumentos materiais de acumulação capitalista, mas também a apropriação simbólica do espaço, que envolve os sentidos das práticas sociais. Nesse processo, a memória mobilizada e reconstruída para socializar práticas que se contrapõem à instrumentalização capitalista do espaço e buscam dar um sentido aos objetos e dinâmicas e processos que se dão no espaço urbano e regional.

### **Práticas culturais em Vitória da Conquista e o Ensino de Geografia**

Vitória da Conquista historicamente tem se destacado como cidade articuladora nos processos econômicos, políticos e culturais na região da qual faz parte. As práticas culturais nesta cidade média, expressam costumes e valores do espaço urbano e rural da região e também de outras regiões do país, próximas ou distantes geograficamente.

As práticas culturais que se desenvolvem nessa cidade são permeadas por valores e tradições resultantes da memória social mobilizada e reconstruída por diferentes grupos sociais ao longo dos anos. Desse modo, práticas como a produção de alimentos tradicionais, o saber-

fazer dos derivados dos produtos da região, o artesanato, as comemorações e até mesmo os itinerários para chegar à cidade de Vitória da Conquista, e dentro desta cidade, são importantes para a compreensão de como essas práticas sociais, tendo como dimensão de análise a cultura, promovem transformações no espaço geográfico e devem ser valorizados no ensino de Geografia na Educação Básica.

Haesbaert (2006) destaca que é necessário considerar o jogo entre os macro poderes políticos institucionalizados; e os micro poderes produzidos e vividos no cotidiano das populações. Nesse sentido, o autor ressalta:

[...] ao lado de uma geopolítica global das grandes corporações brotam “micropolíticas” capazes de forjar resistências menores – mas não menos relevantes – em que territórios alternativos tentam impor sua própria ordem [...] embrião de uma nova forma de ordenação territorial que começa a ser gestada. (HAESBAERT, 2006, p. 14-15)

Nessa perspectiva, os grupos sociais podem e devem buscar formas de produção e gestão que valorizem o saber-fazer socializado pelas diferentes gerações bem como as experiências que passaram a fazer parte daquele grupo, voltados para necessidades legítimas. No que se refere à relação entre o estudo da cidade, costumes e valores, Castellar e Vilhena ressaltam:

[...] o estudo da cidade contribui na formação dos conceitos de identidade e de lugar, expressos de diferentes formas: na consciência de que somos sujeitos da história; nas relações com lugares vividos (incluindo as relações de produção); nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identificação e comparação de valores e períodos que explicam a nossa identidade cultural [...]. (CASTELLAR; VILHENA, 2010, p. 124).

O ensino de Geografia tendo por base a cidade como projeto educativo permite aos alunos a articulação entre conceitos científicos e redes de significados familiares, ao estudar a cidade, na qual vivem, valorizando não somente a dinâmica econômica, mas também a dimensão cultural dos moradores (CASTELLAR; VILHENA, 2010, p. 123).

A importância da cidade como projeto educativo é destacada por Castellar e Vilhena ao afirmarem:

Fazer da cidade um objeto de educação geográfica e do currículo escolar significa pensar e organizar um projeto educativo da escola que supere a superficialidade conceitual, percebendo o mundo e as relações existentes entre a imagem e a fala. (CASTELLAR; VILHENA, 2010, p. 121).

A memória social é mobilizada e reconstruída pelos grupos sociais que vivem na cidade e região e tem sido alvo de grupos econômicos que buscam modificar os costumes e valores relacionados ao consumo, ao lazer, à moradia, à culinária, dentre outros, o que impõe a necessidade de discussões e reflexões sobre a relação entre memória social, espaço e ensino de Geografia.

O ensino de Geografia voltado para a transformação social deve estar comprometido com a compreensão da apropriação material do espaço e dos agentes que buscam a acumulação própria do capitalismo, mas também deve valorizar a apropriação simbólica do espaço, haja vista que os discursos midiáticos financiados pelos grupos econômicos se ancoram também nos sentidos e sentimentos dos sujeitos sociais para atingirem seus interesses e não subestimam a forma como essas práticas repercutem na (re)produção do espaço, seja no campo ou na cidade.

### **A Memória social na cidade e região**

A Memória social tem se constituído em um importante aporte teórico para as análises geográficas. Tal importância decorre da necessidade, cada vez mais premente, de se considerar, além dos elementos materiais, a dimensão imaterial que também é fortemente presente no processo de configuração socioespacial. Por meio da Memória social é possível pensar na construção de referenciais simbólicos que marcam as vivências dos grupos com as regiões, os territórios e os lugares. Halbwachs (1990) já afirmou que toda memória se ancora no tempo e no espaço e daí depreendemos que a memória está impregnada de referenciais geográficos na mesma medida em que o espaço é constantemente (re)configurado por meio da Memória social.

A dimensão espacial que compõe a memória é revelada insistentemente em diversos aspectos e contextos, tais como: os percursos do cotidiano que marcam as nossas vivências nas cidades; os lugares com os quais nos identificamos em diferentes etapas das nossas vidas; as práticas culturais que evidenciam as singularidades das regiões que conhecemos, dentre outros. Todas essas referências compõem a memória social e revelam o quanto as práticas sociais são espacializadas.

Ao considerar que a identidade dos grupos sociais guarda uma dimensão espacial, Carlos (1996) enfatiza que um grupo só pode ser visualizado num espaço em que os elementos da sua história estão presentes. Considerando essa compreensão, a autora pondera:

As formas que a sociedade produz guardam uma história, pois o tempo implica duração e continuidade. [...] A memória articula espaço e tempo, ela se constrói a partir de uma experiência vivida num determinado lugar. Produz-se pela identidade

em relação ao lugar, assim lugar e identidade são indissociáveis. [...] A memória liga-se decididamente a um lugar [...], pois o indivíduo só se realiza no e pelo outro pelo imbricamento entre as histórias coletivas e individuais, ligadas a um espaço determinado, aquele da vida (CARLOS, 1996, p. 82).

Claval (2002) também evidencia que um grupo só pode figurar num espaço em que os elementos da sua história estão presentes. De acordo com o autor,

El espacio, la naturaleza, la cultura o la sociedad son tanto realidades sociales, como individuales. Están construidas a partir de representaciones adquiridas de otros, a través de procesos de comunicación. Las categorías transmitidas tienen un sentido compartido, porque se apoyan en el empleo de los mismos términos y están ligadas al reparto de las mismas experiencias (CLAVAL, 2002, p. 35).

É, portanto, nesse entrelaçamento entre as experiências e o contexto espacial que se processam as relações identitárias com as regiões, os lugares e as cidades, pois “[...] os lugares vividos são frutos das relações tecidas entre os homens e o meio e os sentimentos de pertencimento” (ALMEIDA, 2003, p. 73).

Vale destacar que as relações dos grupos sociais com as regiões e os lugares são sempre multifacetadas. Assim, não é possível pensar em identidades coesas com os espaços, posto que os sentidos a eles atribuídos, bem como as experiências que neles se desenrolam são marcadas por multiplicidades. Tal aspecto é constantemente enfatizado por Massey, pois mesmo considerando que os lugares possam ter características próprias, a autora destaca que “[...] não se trata absolutamente de uma identidade coesa, coerente, de um sentido particular do lugar, partilhado por todos. Nada poderia ser mais diferente disso”. Com esse entendimento a autora adverte que “[...] o lugar é absolutamente não estático. Se os lugares podem ser conceituados em termos das interações que os agrupam, então essas interações em si mesmas não são coisas inertes, congeladas no tempo: elas são processos” (MASSEY, 2000, p. 183). Com base na compreensão dessa dinâmica que se processa entre os sujeitos sociais e as referências espaciais Massey declara que “[...] O espaço não existe antes de identidades/entidades e de suas relações” (2008, p. 13).

Como compreender as relações identitárias com os lugares e as regiões sem levar em conta a memória social? É considerando a importância da inserção dessa categoria de análise nos estudos geográficos que se descortina a possibilidade de compreender a tessitura da configuração socioespacial em sua inteireza. Essa tessitura é constituída tanto de materialidades

quanto de imaterialidades e “[...] nessa interseção se evidencia com mais clareza o espaço-tempo como modo de ser-estar-do-homem-no-mundo. Portanto, geograficidade” (MOREIRA, 2007, p. 143).

Com base na compreensão de que as práticas desenvolvidas no cotidiano são espaciais, o ensino da Geografia deve instigar os discentes a refletirem acerca das suas vinculações com os seus espaços de vivência, estabelecendo um elo entre estes e a memória social. É importante que os problemas e os temas abordados tenham significado para aqueles que deles participam. Assim, refletir sobre a cidade, como o espaço mais próximo do cotidiano, torna-se imprescindível, já que é neste lugar que as expectativas, frustrações, desafios, desejos e sonhos se manifestam.

### **A memória social e práticas sociais nas feiras de Vitória da Conquista –BA**

As feiras livres em Vitória da Conquista se constituem como lugares em que é possível compreender, com bastante clareza, os elementos até então destacados. Tais feiras se configuram como espaços de sociabilidade onde as memórias sociais coexistem na multiplicidade de significados e pluralidades. Nelas encontram-se as práticas sociais e suas particularidades. Assim, a memória social se constitui como possibilidade de interpretação das histórias dos lugares, posto que, a análise das lembranças, vozes, ideias, palavras, esquecimentos e silêncios, dos sujeitos sociais que vivenciam as feiras livres de Vitória da Conquista, configuram-se como matéria prima para refletir sobre o imbricamento existente entre a memória e as relações sociais.

No que tange ao conceito de memória, destaca-se a sua pluralidade de sentidos e usos, uma vez que a memória social envolve uma multiplicidade de significados e denomina diferentes formas da experiência humana em sociedade. Segundo Gondar (2005), a memória “[...] não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nós fazemos, que fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados” (GONDAR, 2005, p. 18). Tal concepção reitera os tempos plurais da memória social, pois longe de ser algo preso e estanque no passado, ela consiste numa intensa simbiose entre o passado, o presente e o futuro.

Halbwachs (1990) cunhou a expressão memória coletiva, que posteriormente foi sendo reconfigurada para memória social por aqueles que o sucederam. Inicialmente o autor evidencia que a esfera social está inscrita na memória individual, e vice versa, assim como a memória está no cerne da sociedade. Halbwachs entende que, a memória está inserida em uma dimensão

social, pois a lembrança é uma reconstrução coletiva do passado, sempre atualizada pelas significações do presente no qual se referencia em contextos, espaço temporais específicos.

Nesse sentido, as feiras livres, como espaços sociais, são marcados pelas significações dos sujeitos sociais que vivenciam o seu cotidiano, e o reconhecem como lugares plenos de sentidos marcados pela heterogeneidade, que é própria das relações humanas em sociedade. Os sujeitos sociais que se relacionam com as feiras em Vitória da Conquista têm o sentimento de identificar as tradições, usos e costumes que são peculiares da forma de experienciar a vida que anima esse lugar. As concepções de Mendes (2009) acerca da memória social oferecem pistas para a compreensão das feiras livres como lugares em que as práticas sociais se manifestam como expressões fieis da identidade dos grupos sociais. Sobre essa questão, a autora afirma que a memória social tem: “[...] o poder de identificar o grupo, conferir-lhe uma identidade peculiar, proporcionar sentido ao seu passado, dar coerência ao seu presente e definir as suas aspirações futuras” (MENDES, 2009, p. 53). Esse aspecto evidencia a indissociabilidade da memória em relação aos processos identitários dos grupos sociais.

Nos espaços das feiras livres em Vitória da Conquista acontece o ir e vir entre os sujeitos sociais na cidade, como aqueles que saem da zona rural para suprir as suas necessidades; e também pessoas dos municípios circunvizinhos; dos distritos e das vilas que frequentam a cidade. As feiras podem ser analisadas como lugares que proporcionam os encontros face a face entre os sujeitos sociais que os vivenciam/vivenciaram. As feiras livres constituem-se como elementos no processo de produção do espaço urbano em Vitória da Conquista, inseridos dentro de contextos espaço-temporais, trata-se, sobretudo, de lugares onde a sociedade constrói suas representações sociais, memórias e vivências. Ao indagar uma feirante sobre qual o significado que a feira tem para sua vida, ela declara sua gratidão, afirmando: “[...] criei toda minha família daqui, tenho filhos de 40 anos e agradeço aqui a feira que eu trabalho desde criança, criei meus filhos aqui dentro” (Entrevista concedida em abril de 2018).

As feiras se constituem como produtos socioculturais e históricos das relações que se estabelecem entre os sujeitos sociais e o cotidiano da cidade, diante dos processos de produção, circulação e consumo de bens necessários à manutenção da vida. A relação entre as feiras e o abastecimento da população confere a esses lugares significados peculiares ao modo de vida urbano e a relação da cidade com o campo para além da perspectiva da produção de gêneros alimentícios, uma vez que as feiras se configuram como lugares de encontro e realização da vida em suas múltiplas manifestações, transitando entre as distintas dimensões sociais do rural e do urbano.

A história é construída e inscrita no espaço todos os dias pelos sujeitos sociais de forma processual e constante. Com esse entendimento Halbwachs (1990) questiona: Afinal, o que acontece fora da dimensão espaço tempo? Tal questionamento suscita reflexões sobre a leitura do processo histórico, considerado como condição *sine qua non* para a compreensão do presente, das dinâmicas das transformações do espaço, em que a sociedade, em suas múltiplas dimensões, molda as nuances do lugar.

No entreposto dessa dinâmica, emerge no cenário histórico-geográfico de Vitória da Conquista as primeiras feiras da cidade, que ocorriam de forma rudimentar e inicialmente situavam-se em praças públicas da cidade. Assim, em Vitória da Conquista as primeiras feiras se concentravam na Praça 15 de Novembro como pode ser observado na Figura 1.

**Figura 1** - Feira livre na Praça 15 de Novembro, Vitória da Conquista, 1912.



Fonte: Arquivo Público Municipal, consulta feita em 2017.

A fotografia apresentada demonstra o intenso movimento no espaço da feira no ano de 1912. Um olhar mais atento vai identificar a maneira como as pessoas prestigiavam a realização das feiras, pois compareciam bem trajadas, alguns homens de terno e chapéu revelando que a feira consistia em um importante acontecimento na cidade.

Em decorrência dos significados que envolvem as feiras livres, até hoje o dia de sua realização se transforma num evento no cotidiano das cidades pequenas e médias,



configurando-se num momento de trocas e encontros entre os cidadãos e as pessoas que vivem no campo.

No que concerne à realidade experienciada em Vitória da Conquista, as feiras livres são uma tradição no comércio. De acordo com Zanini e Santos (2017) as feiras representam uma modalidade de comércio varejista realizado ao ar livre, de periodicidade geralmente semanal, são organizadas como serviço de utilidade pública pela municipalidade, voltadas para a distribuição local de diversos gêneros alimentícios e produtos básicos. A Figura 2 apresenta a imagem da feirinha do Bairro Brasil em dia de movimento intenso.

**Figura 2** – Feira livre do Bairro Brasil.



Fonte: Teixeira, 2018.

A feirinha do Bairro Brasil é umas das principais e mais movimentadas feiras da cidade nos dias atuais. A feira acontece com menor intensidade todos os dias da semana na parte externa do Mercado, e aos domingos se intensificam os fluxos de pessoas, encontros e trocas. Oferece à população conquistense e aqueles que saem de outras localidades, a variedade típica das feiras livres. A partir das 7h, se inicia o fluxo de fregueses nos boxes e barracas, a procura de gêneros alimentícios, bebidas, livros, revistas, discos de vinil e aparelhos digitais, entre outros.

Zanini e Santos (2017) discutem o intercâmbio entre os espaços urbanos e rurais por intermédio das feiras. Segundo os autores “[...] Há também trânsitos entre o mundo rural e o mundo urbano como construções simbólicas que se encontram fisicamente no espaço das feiras,

nas relações entre feirantes e clientes” (ZANINI SANTOS, 2017. p. 8). As feiras tornam-se espaços da sociabilidade humana, em que suas relações ultrapassam a dimensão meramente econômica, pois “[...] Há muita memória, muito conhecimento e saberes que circulam nos processos interativos de compra e venda nas feiras (ZANINI; SANTOS, 2017, p. 8). O comércio popular em feiras é um traço cultural representativo na realidade socioespacial de Vitória da Conquista, isso se evidencia na memória social dos diversos sujeitos. As feiras livres são lugares onde as relações e representações sociais se desenrolam no (re)fazer das práticas sociais da cidade.

### **A cidade e região no VI Simpósio de Ensino e Aprendizagem de Geografia**

O VI Simpósio de Ensino e Aprendizagem de Geografia que fez parte do projeto de extensão Assessoria Permanente aos Professores de Geografia do Ensino Fundamental e médio, coordenado pela professora Cláudia Cruz. O Simpósio contou com diversas atividades, a exemplo de oficinas ministradas pelos discentes do Curso de Geografia; exposição de alimentos tradicionais da cidade e região; atividades culturais, e palestras ministradas pela Professora Sônia de Souza Mendonça Menezes, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), nas quais foram abordados temas voltados para a apropriação simbólica e material do espaço geográfico. Este foi realizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia no *campus* de Vitória da Conquista, em 27 de novembro de 2017, sendo o público-alvo, professores e alunos do curso de Geografia.

O evento corroborou tanto para discussões teóricas, quanto com a abordagem de metodologias e práticas que permitiram a compreensão e reflexão do espaço vivido. As oficinas pedagógicas realizadas pelos discentes do curso de Geografia da instituição e vinculadas ao projeto de extensão, tiveram a mesma finalidade. A professora Sônia Menezes tratou em sua palestra sobre a apropriação material e simbólica do espaço no ensino de Geografia e abordou como no ensino a leitura do espaço deve ser feita (Figura 3). A palestrante destacou dentre outras peculiaridades de Vitória da Conquista, a importância da produção de biscoitos, pois este saber-fazer gera trabalho e renda para muitas pessoas.

**Figura 3** – Palestra sobre Ensino de Geografia: apropriação material e simbólica do espaço.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2017

A exposição de alimentos tradicionais, com destaque para biscoitos, bolos e suco do umbu, produzido nos municípios do semiárido que fazem parte da região da qual Vitória da Conquista faz parte foi um dos destaques relacionados ao tema do Evento (Figura 4).

**Figura 4** – Exposição de alimentos tradicionais - 2017



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2017

A importância da dimensão cultural das práticas sociais que repercutem no espaço geográfico, com ênfase na produção de alimentos tradicionais, deve ser destacada, assim como a manifestação de costumes e valores na música regional, artesanato, pintura e esculturas, os quais estão ancorados na memória social da cidade e região.

### **Considerações Finais**

As discussões realizadas nas atividades desenvolvidas no: *Projeto de Assessoria Permanente aos Professores de Geografia do Ensino Fundamental e Médio*, com ênfase no: *VI Simpósio de Ensino e Aprendizagem de Geografia*, permitiram a reflexão sobre novas metodologias de ensino de Geografia que buscam a aproximação entre: a apropriação material e simbólica do espaço, com ênfase nas manifestações culturais regionais e com a identidade cultural presentes na apropriação do espaço conquistense e regional. Desse modo, os discentes e docentes que participaram das ações do projeto, desenvolveram atividades pedagógicas em municípios da região, o que permitiu a valorização entre Geografia e Cultura Regional na prática docente dos professores em exercício e dos futuros professores que participaram das atividades do Projeto.

A ciência geográfica e o ensino de Geografia têm passado por transformações, buscando a aproximação entre as práticas sociais que envolvam a dimensão cultural da sociedade e repercussões na (re)produção do espaço geográfico. Desse modo, as discussões teórico-metodológicas que fundamentaram as palestras e demais atividades desenvolvidas no período do Projeto de Extensão, apresentaram impacto científico e social, ao contribuírem com a formação dos formados e futuros professores de Geografia que atuam e atuarão em Vitória da Conquista e região.

### **Referências**

ALMEIDA, M. G. de. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, M. G. de; RATTS, A. J. P. (Org.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 71-88.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTELLAR, S.; VILHENA, J. **Ensino de Geografia**. CENGAGE Learning, 2010.

CLAVAL, P. El enfoque cultural y las concepciones geográficas del espacio. **Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles**. n. 34, p. 21-39. 2002. Disponível em: <<http://age.ieg.csic.es/boletin.htm#34>>. Acesso em: 02 de jul. 2018.

GONDAR, J. Quatro proposições sobre memória social. GONDAR, J.; DODEBEI, V. (Org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Programa de Pós Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MASSEY, D. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MENDES, G. F **Sertão se traz na alma?** território/lugar, memória e representações sociais. 2009. 250 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 2009.

MENEZES, S. Entrevista concedida pela ASCOM veiculada no site da UESB, realizada por Emanuela Lisboa na data 27 de novembro 2017. Disponível em:  
[http://www.uesb.br/ascom/ver\\_noticia\\_.asp?id=16118](http://www.uesb.br/ascom/ver_noticia_.asp?id=16118).

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

TEIXEIRA, P. G. de S. **Lugares de memória**: os mercados urbanos na cidade de Vitória da Conquista-BA. 2018. 143 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista. 2018.

ZANINI, M.C.C. SANTOS. M. O. **Feiras, feirinhas e feirões**: a “economia dos centavos” em foco. São Leopoldo: Oikos, 2017.